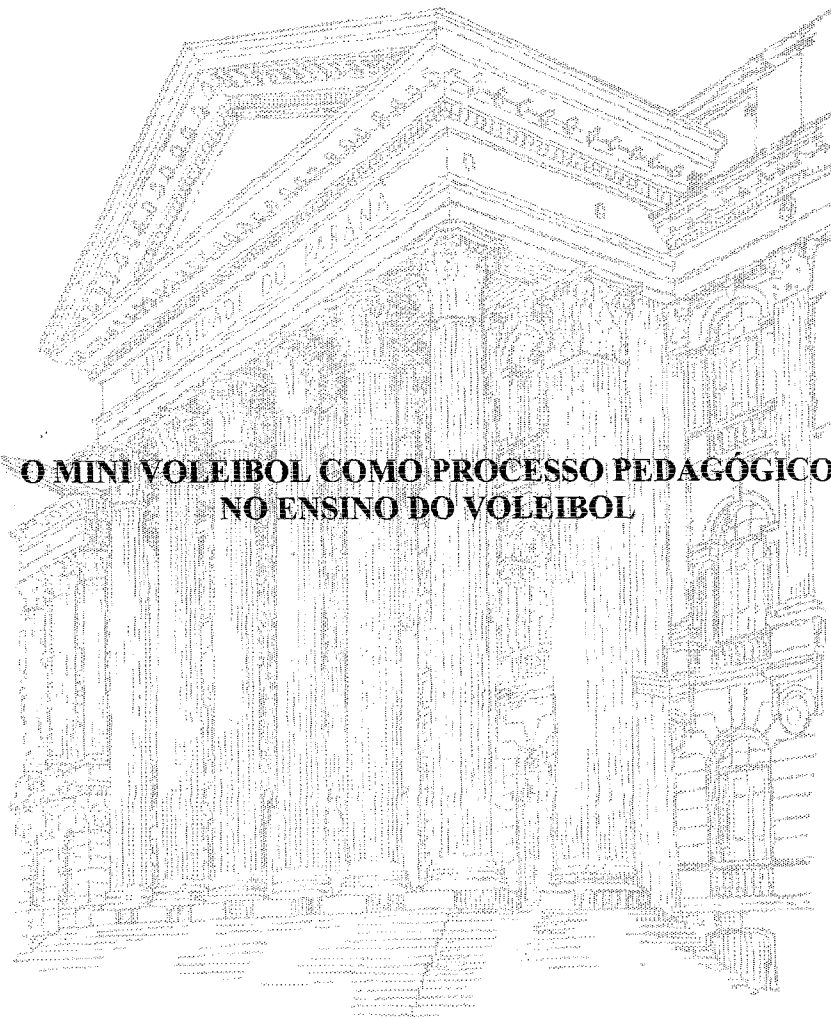


RICARDO MOURA



**O MINI VOLEIBOL COMO PROCESSO PEDAGÓGICO  
NO ENSINO DO VOLEIBOL**

CURITIBA

2001

RICARDO R. S. MOURA

**O MINI VOLEIBOL COMO PROCESSO PEDAGÓGICO  
NO ENSINO DO VOLEIBOL**

Projeto de monografia apresentado ao professor Raul Osiecki, da disciplina de seminário de monografia do curso de Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Ricardo Coelho

CURITIBA  
2002

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Deus pelo dom de ser capaz, à minha família, pela compreensão e estímulo aos meus ideais, aos meus amigos, pela colaboração e companheirismo, aos professores do Departamento de Educação Física, pelos esforços desenvolvidos no decorrer do curso e em especial à Cassiana Atem pela compreensão, dedicação e principalmente pelo seu apoio e carinho.

## RESUMO

O presente trabalho visa evidenciar o método do mini-vôleibol e sua influência na aprendizagem da prática desportiva do voleibol pelas crianças, lançando mão dos aspectos inerentes ao desenvolvimento motor e da atividade mini-vôleibol.

O mini-vôlei é um método simplificado e adaptado às capacidades e necessidades de crianças com idades entre 09 e 13 anos. Com suas regras adaptadas e dimensões reduzidas, o mini-vôleibol favorece a criança uma prática mais constante e motivante para o desporto. Seu propósito é promover a prática do voleibol nas mais tenras idades adaptando o número de alunos ao espaço e quantidade de material disponível.

Por suas dimensões reduzidas; tamanho da quadra e altura da rede, o mini-vôleibol favorece uma frequência de contato muito grande com a bola. Esta constancia de contato com a bola, facilita a prática dos fundamentos do voleibol, aumentando a habilidade da criança com o jogo tornando-a capaz de desenvolver o mesmo de maneira divertida e prazerosa pelo fato de atingir os objetivos. Oferece às crianças a possibilidade de aprender a jogar enquanto brincam.

O principal aspecto positivo da iniciação através da metodologia do mini-vôlei é a capacidade de adaptação às características de crescimento e desenvolvimento motor da criança. A possibilidade de jogar num espaço menor e de realizar os fundamentos mais facilmente proporcionam a criança um grande prazer e motivação para aprender o voleibol.

## SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	03
1.1.Apresentação do problema.....	03
2.OBJETIVOS.....	04
2.1.Objetivo Geral.....	04
2.2.Objetivo Específico.....	04
3.REVISÃO DE LITERATURA.....	05
3.1.Regras do Jogo.....	10
3.2.Fundamentos do mini-volei.....	11
3.3.Método para ensino do voleibol passo a passo.....	12
3.4.Aprendizagem Motora no voleibol.....	14
3.5.Transição para o voleibol regular.....	28
3.6.Competição para crianças.....	29
3.7.O jogo e a criança.....	29
4.METODOLOGIA.....	30
5.CONCLUSÃO.....	31
6.REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	33

## **1.INTRODUÇÃO**

### **1.1.APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA**

O ponto principal do trabalho é despertar o interesse das crianças pelo desporto partindo como base o método do mini-vôleibol. Para iniciantes o voleibol é complicado de ser ensinado, por ser um esporte no qual os gestos técnicos de seus fundamentos exigem habilidades específicas. A prática deste esporte com crianças impõe certo obstáculo, pois elas estão com suas habilidades motoras em desenvolvimento, por este motivo se faz necessário métodos especiais para ensinar o voleibol a crianças. Entretanto, pode-se dizer que crianças possuem condições para aprender as habilidades básicas e táticas do voleibol, gostar e jogar de uma forma simplificada e com um bom nível técnico, caso seja ensinado de forma adaptada, características determinantes do mini-vôleibol.

O mini vôlei como meio motivador, surgiu para introduzir o jogo de maneira que as crianças aprendam os fundamentos e participem constantemente das atividades. Buscando cada vez mais contribuir para consolidação deste método, principalmente quanto à aprendizagem da criança, pergunta-se: Quais os benefícios da aplicação deste método como estratégia pedagógica para a facilitação da aprendizagem das crianças na prática do volleyball.

## **2.OBJETIVOS**

### **2.1.Objetivo Geral**

Conscientizar os professores de Educação Física e técnicos de voleibol, evidenciando a importância do método de adaptação, mini-voleibol, e sua influência na aprendizagem da prática desportiva do voleibol, pelas crianças.

### **2.2.Objetivos específicos**

Através de uma revisão literária fundamentar as diferenças básicas entre o voleibol convencional e o mini-voleibol, demonstrando os aspectos físicos, técnicos e motores, no aprendizado desta prática esportiva. Proporcionar, por fim, a noção da necessidade da implantação do mini-voleibol como processo pedagógico para o ensino do voleibol.

### 3. REVISÃO DE LITERATURA

O voleibol desde a sua criação como prática esportiva, em 1895, em Hollyoke, Massachusetts, nos Estados Unidos da América, por Willian G. Morgan, muito se desenvolveu e aperfeiçoou-se.

Em 1970, um levantamento feito pela Federação Internacional de Voleibol (FIVB) mostrava que já haviam cerca de 65 milhões de atletas inscritos junto as diversas federações nacionais (MANUAL DO TREINADOR da FIVB, 1982).

A rápida divulgação do voleibol pelo mundo certamente não foi acidental. O jogo, do modo como foi desenvolvido, era altamente recreativo e ainda Permanece como tal. Porém, o esporte só poderá ser praticado num alto nível competitivo se jogado por atletas que recebam um treinamento intenso (BAACKE, 1978).

O voleibol é importante como esporte criativo porque tem os seguintes princípios recreativos:

- é um jogo interessante, fácil de aprender e para ser praticado.
- Não é caro, exigindo apenas um material bem simples.
- É um esporte onde não há contato direto dos participantes, o que reduz o perigo de ferimentos e ofensas pessoais.
- É um esporte que traz grande motivação do conjunto.
- Pode ser praticado por pessoas de todas as idades e ambos os sexos, tanto juntos como separados.
- Pode ser jogado em quadras abertas ou fechadas, com piso de madeira, grama, cimento ou areia.

(BAACKE, 1978).

Métodos especiais são necessários para introduzir o voleibol para crianças. Desde a criação do mini-voleibol, nos anos 60, muitos métodos têm sido testados. Tradições nacionais e experiências têm influído neste processo sendo que até agora não existe

nenhum método comprovado como sendo melhor. Entretanto, com a experiência e resultados de mais de 20 anos, pode-se estabelecer as seguintes evidências:

- crianças de 9 a 13 anos de idade podem aprender as habilidades básicas e táticas do voleibol. Elas podem gostar e jogar uma forma simplificada de voleibol em um bom nível técnico.

- O mini-voleibol oferece uma forma de jogo adaptável às necessidades e capacidades de crianças de 9 a 13 anos, de acordo com os bons princípios de ensinamento.

- O mini-voleibol é um método adequado e comprovado como o melhor para ensino de crianças.

(BAACKE, 1978).

Em um jogo de voleibol com crianças de 10 a 13 anos, a quantidade de erros que ocorrem, fazem com que seja uma prática monótona e desmotivante. Os insucessos e a falta de condições para atingir os objetivos do jogo, aborrecem a criança e a desestimula a continuar a sua prática (CARRERO, 1976).

É importante respeitar o direito da criança brincar e o mini-voleibol oferece a oportunidade de aprender a jogar enquanto brincam. Não se deve induzi-la, usa-la com a intenção de especializa-la em movimentos técnicos, deve-se despertar o prazer da brincadeira pelo jogo. Para Winnicott (1975), o brincar é por si mesmo uma terapia e conseguir que as crianças possam brincar, torna-se uma psicoterapia, que possui aplicação imediata e universal, e inclui o estabelecimento de uma atitude social positiva com respeito ao brincar.

Como todo jogo adaptado, o mini-voleibol se propõe a ser uma forma de diversão à criança na faixa dos 10 aos 13 anos. Busca com suas poucas regras e vasto conteúdo de emoção pelo jogo; o não deixar a bola cair ou a superação do oponente, torna a

brincadeira/jogo, alegre e excitante. Seu conteúdo didático fortalece o processo de aprendizado de voleibol (Guilherme, 1979).

Pelas poucas condições técnicas que possui a criança de 10 a 12 anos deve-se:

... criar situações adequadas para que a criança execute movimentos de forma espontânea, dentro do seu próprio estilo e de seu poder criador. A função do professor será de sugerir, observar, auxiliar, recolher as formas de idéias criadas e dar-lhes continuidade e não impor um modelo. (SOUZA, 1984).

Esse processo pode vir a facilitar o potencial de transferência, há necessidade de maximizar a semelhança entre o ensino (MINI-VOLEIBOL) e a situação final de testes (VOLEIBOL), onde a experiência deve ser adequada ou adaptada com a tarefa original a ser atingida.

O autor também enfatiza que deve se proporcionar uma variedade de exemplos ao ensinar conceitos, princípios que facilitariam a transferência de aprendizagem (MAGILL, 1984).

Desta maneira o mini-voleibol com as suas constantes mudanças no comportamento das suas variáveis, a bola e as ações do adversário, promovem uma quantidade de alternativas e situações diferentes a cada jogada, o que produz na criança a necessidade de apresentar soluções diferentes para cada uma delas.

FARIA JR (1982), coloca esta situação como um “estilo de ensino baseado na solução de problemas”, onde o aluno é levado a aprender resolvendo seus problemas.

O mini-voleibol propicia a criação de vários problemas à criança, pela variedade de alternativas que surgem solicitando do participante em uma busca constante de suas habilidades, de modo a atingir os objetivos propostos, apresentando soluções para cada desafio.

O trabalho mental, a elaboração, a mobilização das aprendizagens anteriores na solução de um problema pode ser considerado como o coroamento, o ponto culminante e a síntese das funções psicológicas. Sob a influência direta, seletiva e estimulante de um problema o indivíduo explora seus conhecimentos, suas capacidades psicomotoras, percepções, conceitos e compreensões, buscando sair de uma dificuldade. (FARIA JR, 1982).

Estabelecer objetivos motiva o indivíduo em situações de desempenho e aprendizagem. O nível de aspiração estabelecido poderá ser relacionado com suas experiências passadas de sucessos ou fracassos para atingir seus objetivos (MAGILL, 1984).

Por esta abordagem direcionada a dar motivos a criança a praticar e gostar do esporte, HURTADO (1983), comenta que motivar é estimular a vontade de aprender, de fazer, de resolver. “na verdade é processo de indução de motivos que utiliza a aprendizagem e o comportamento dos alunos, dando sentido e razão as atividades escolares” (HURTADO, 1983).

As características básicas do mini-voleibol geram na criança um motivo alegre, onde os objetivos são alcançados facilmente, atingindo níveis aceitáveis das técnicas principais no pré-desportivo.

Permitir a criança a fazer atividades e ser elogiado pela sua execução, leva-a ter mais determinação em sua personalidade (ERIKSON, 1971).

Para HAVIGHURST (1952), a fase dos 10 aos 12 anos é propícia a aprendizagem de habilidades físicas, que muito acontecem pela interação com crianças da mesma idade.

A criança, por obter sucesso em suas participações, frente ao problema proposto, torna-se apta a receber instruções e executa-las mais prontamente, frente ao motivo apresentado, neste caso, se determina a fazer melhor.

“... o ideal seria que a aprendizagem e a conduta do aluno fossem estimuladas pelo prazer,... pela compreensão de sua utilidade e pela necessidade de dominar o assunto em questão” (HURTADO, 1983).

GUILHERME (1979), propõe que “... os alunos devem participar da aula mais pelo prazer do que pela obrigação...”.

Para iniciantes o voleibol é complicado de ser ensinado, por ser um esporte no qual os gestos técnicos de seus fundamentos exigem habilidades específicas. A prática deste esporte com crianças impõe certo obstáculo, pois elas estão com suas habilidades motoras em desenvolvimento, por este motivo se faz necessário métodos especiais para ensinar o voleibol a crianças. Entretanto, pode-se dizer que crianças possuem condições para aprender as habilidades básicas e táticas do voleibol, gostar e jogar de uma forma simplificada e com um bom nível técnico, caso seja ensinado de forma adaptada, características determinantes do mini-voleibol.

O mini-vôlei é um método simplificado e adaptado às capacidades e necessidades de crianças com idades entre 09 e 13 anos. Com suas regras adaptadas e dimensões reduzidas, o mini-vôleibol favorece a criança uma prática mais constante e motivante para o desporto. Seu propósito é promover a prática do voleibol nas mais tenras idades adaptando o número de alunos ao espaço e quantidade de material disponível.

Por suas dimensões reduzidas; tamanho da quadra e altura da rede, o mini-vôleibol favorece uma frequência de contato muito grande com a bola. Esta constancia de contato com a bola, facilita a prática dos fundamentos do voleibol, aumentando a habilidade da criança com o jogo tornando-a capaz de desenvolver o mesmo de maneira

divertida e prazerosa pelo fato de atingir os objetivos. Oferece às crianças a possibilidade de aprender a jogar enquanto brincam.

O principal aspecto positivo da iniciação através da metodologia do mini-vôlei é a capacidade de adaptação às características de crescimento e desenvolvimento motor da criança. A possibilidade de jogar num espaço menor e de realizar os fundamentos mais facilmente proporcionam a criança um grande prazer e motivação para aprender o voleibol.

### **3.1.Regras do jogo:**

As regras do mini-vôleibol diferem das do voleibol normal. O mini-vôlei é jogado com menos de seis jogadores por time, permitindo maior contato de cada jogador com a bola, maior cooperação, táticas mais simples e maior interesse. Normalmente o time é formado por 02, 03 ou 04 jogadores, dependendo da idade e do nível do jogo.

As quadras e a altura da rede para o mini vôlei são reduzidas (fig. 1; 2; 3) exigindo menos força e movimentos, reduzindo o número de interrupções e promovendo longos ralis.

Normalmente as medidas da quadra são adaptadas pelo número de jogadores de cada equipe, pela idade e pelo nível de desempenho durante o jogo. Outra adaptação do jogo faz referência à altura da rede que deve ser reduzida. Uma altura adaptada possibilita a criança jogar no ataque e na defesa de acordo com sua altura e impulsão. A altura da rede pode ser adaptada de duas formas: rede alta que possibilita maior facilidade de defesa no fundo da quadra e ralis mais longos; rede baixa proporcionando um jogo de ataque mais fácil, difícil recepção de saque e defesa, mais interrupções do jogo e ralis mais curtos.

A bola para esta prática é menor e mais leve, seu peso e circunferência estão adaptados para as mãos e força das crianças. O mini vôlei é jogado com regras de

interpretações adaptadas, o julgamento do manuseio da bola é mais liberal para promover a aquisição de habilidades e o fluxo do jogo mais constante. As regras para invasões e substituições são simplificadas.

O importante destas adaptações é que o professor saiba utiliza-las de maneira tal que desenvolva e motive seus alunos, pela prática do mini-vôleibol. Vale ressaltar que o professor tem liberdade para modificar algumas dessas adaptações conforme as condições de sua aula, pois a criatividade faz parte da estratégia e utiliza-la para tirar o máximo de seus alunos só os beneficiará, fazendo com que em pouco tempo os alunos estejam praticando voleibol de maneira correta.

### **3.2.Fundamentos do mini-vôleibol:**

Inicialmente a criança deve familiarizar-se com a bola, quadra e rede, ensinando-as posturas e movimentos básicos como apanhar e lançar a bola, jogando diferentes jogos e desenvolvendo habilidades físicas e básicas para o vôlei como a velocidade, a agilidade, a força e a reação. Então se introduz o passe de vôlei tendo os jogadores aprendendo a lançar a bola para frente para trás, para o lado, para um companheiro e sobre a rede. O principal treinamento e jogo de competição é “a bola sobre a rede”, com regras similares às do vôlei, exceto pela bola ser jogada e agarrada.

Alguns fundamentos são nitidamente melhores preparados através do mini-vôlei como, por exemplo, melhorar o passe em situações de ataque, defesa e outros movimentos na quadra. Introduzir a manchete e o saque por baixo, permitindo jogar um simples jogo de vôlei. Os primeiros princípios táticos deverão ser ensinados, como os posicionamentos em quadra, movimentos de acordo com situações de jogo, cooperação com os companheiros do time, observação dos adversários e a cobertura da quadra. Outro aspecto que pode-se

desenvolver através do mini-vôlei é um melhor desempenho em alguns aspectos motores como rolar, pular em diversas direções e maior velocidade de movimentos em direção a bola.

Para melhor desempenho dos alunos na prática do mini-vôlei são introduzidos o saque tipo tênis e a cortada, com o objetivo de deixar o jogo mais ofensivo, a manchete para a recepção de saque e defesa de cortada fortalecendo o jogo defensivo, introduzindo também o mergulho e o salto com corrida. Estes são fatores muito importantes para iniciar o jogo de mini-vôlei 3 X 3.

Para a iniciação do jogo 4 X 4 é interessante a introdução de bloqueio, o aumento de habilidades técnicas, variação de golpes e ataques e a melhoria da fixação das habilidades de defesa como rolar e mergulhar. Com o aperfeiçoamento do preparo físico e aperfeiçoamento da habilidade o mini vôlei pode ser jogado 4 X 4, então, se aproximando das categorias que participam de competições e torneios em níveis locais, regionais e talvez nacionais.

### **3.3.Método para o ensino do voleibol passo a passo**

O mini-vôlei deve ser primeiramente uma adaptação aproximada da metodologia do voleibol, não dando, neste momento, conotação de um jogo autônomo e especial para competições oficiais. As crianças deverão gostar do jogo propriamente dito e não somente empenhar-se em defender-se dos adversários. A melhor maneira de introduzir o voleibol para crianças é ensinar o jogo passo a passo. Usando os seguintes passos, elementos do vôlei podem ser ensinados através das aulas e jogos de mini-vôlei similares ao voleibol (ver tabela a seguir).

Conteúdos Programáticos	2 X 2	3 X 3	4 X 4	Voleibol 6 X 6
<b>Toque</b>				
Passe / recepção	□	● □	●	▽
Passe / recepção com domínio	□	● □	●	●
Levantamento para frente	□	●	●	▽
Levantamento de costas		● □	●	▽
<b>Manchete</b>				
Passe / recepção	□	● □	●	▽
Passe / recepção com domínio	□	● □	●	●
Passe / recepção com deslocamento		● □	●	▽
Defesa sem deslocamento		● □	●	▽
Defesa com deslocamento		● □	●	▽
Cobertura de ataque	□	● □	●	▽
Defesa com queda		● □	●	▽
Sistema de defesa		Largada Diagonal	Largada Corredor Diagonal	Largada Corredor Diagonal Centro-fundo
<b>Saque</b>				
Saque por baixo – gesto técnico	□	● □	▽	▽
Saque por baixo – direção		● □	▽	▽
Saque por cima – gesto técnico			● □	●
Saque por cima – direção			● □	●
<b>Ataque</b>				
“Largada”	□	● □	● ▽	▽
Cortada – gesto técnico		□	● □	● ▽
Cortada – direção			● □	● ▽
Sistema ataque e contra-ataque	□	● □	● □	● □
<b>Bloqueio</b>				
Bloqueio simples – gesto técnico		□	● □	●
Bloqueio simples sem deslocamento		□	● □	▽
Bloqueio simples com deslocamento			● □	● ▽
Bloqueio duplo sem e com desloc.				● □

Iniciação □

Aperfeiçoamento ●

Consolidação ▽

### 3.4. APRENDIZAGEM MOTORA NO VOLEIBOL

#### O modelo de Anete Gentile

Gentile nos proporcionou uma das poucas tentativas de apresentação de um modelo de aquisição de destrezas, com aplicação direta no ensino.

Neste modelo, dois são os estágios da aprendizagem de destrezas motoras:

I – Obtenção da idéia do movimento;

II- Fixação/ Diversificação.

#### I – Obtenção da Idéia do Movimento

Os fatores contidos neste estágio podem ser vistos na fig. 1

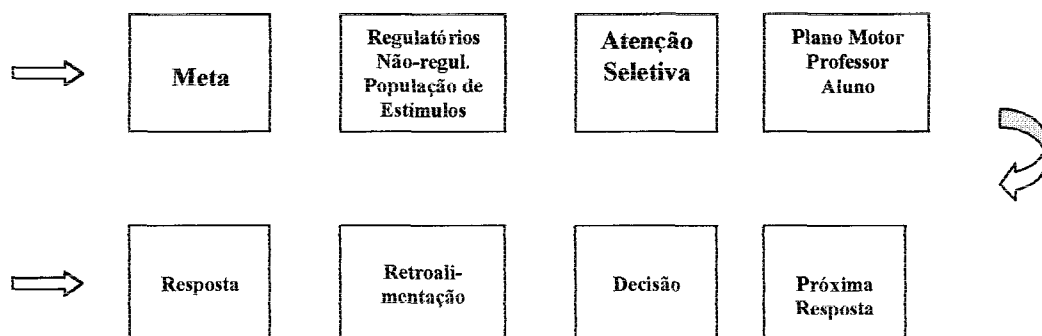


Fig. 1 – Esquema adaptado de Gentile (1972)

Aqui, o aprendiz procura uma organização motora geral que venha a funcionar na produção de um resultado. Ele tenta obter a idéia do que lhe é proposto.

## **A Meta**

É um resultado particular, ou mudança no meio ambiente, a ser produzido.

A atitude inicial do professor é especificar qual o problema, ou qual a natureza do resultado a ser produzido.

Duas são as tarefas que o professor deve oportunizar, durante a aquisição de destrezas motoras:

- a) criação de um problema ambiental específico;
- b) estabelecimento de um nível adequado de motivação.

## **Subconjunto de Estímulos Regulatorios**

São padrões motores que devem ser efetivos na produção de um resultado particular.

Professor deve identificar o conjunto de estímulos regulatorios, que governam o movimento, e tomar várias decisões na tentativa de estruturar o meio ambiente.

As condições em que o aprendiz adquire a destreza estão sendo estruturados da mesma forma na qual o movimento será executado?

O professor deve estruturar o meio utilizando uma **estratégia de uso**, isto é, selecionar os conjuntos de eventos de ocorrência mais freqüentes.

## **Atenção Seletiva**

Embora o iniciante de uma destreza possa estar consciente de certos estímulos nela contidos, ele não pode, na maioria das vezes, perceber quais os mais importantes em relação à sua meta.

Ao professor, cabe a tarefa de auxiliar o aluno na seleção de estímulos, através de:

- a) instrução verbal;
- b) descoberta dirigida;
- c) solução de problemas.

O tipo de destreza, a ser executada (aberta ou fechada), determina as variações na percepção dos estímulos a serem selecionados.

### **O Plano Motor**

Precedendo a execução de um gesto, parece ocorrer uma imagem do movimento (James, 1950), ou um plano geral de ação (Mille, Galanter e Pibram, 1960).

Para Gentile, é de responsabilidade do aprendiz organizar um plano de ação que dentro de seus limites morfológicos, será efetivo na produção de um resultado específico. No máximo, o professor poderá proporcionar uma orientação de natureza muito geral.

È ingênuo assumir que uma forma de organização do movimento, precisamente delineado pelo professor, permitirá o atingimento da meta por todos os executantes. Considerável variabilidade deve ser esperada.

Há somente uma ocasião em que uma forma exata do movimento é importante: quanto a meta é mover-se de acordo com padrões externamente impostos (ginástica olímpica, saltos ornamentais). Nesses casos, o meio torna-se o fim.

Algumas variáveis como: tipo de destreza (aberta ou fechada), estágio da aprendizagem (idéia do movimento ou fixação/ diversificação), e o aspecto temporal do desempenho (a curto ou longo prazo), podem determinar a formulação do plano motor (pelo professor ou pelo aluno).

### Execução da Resposta

É a efetivação do gesto motor, de acordo com o plano elaborado. O executante, durante ou após realizar a tarefa, pode receber uma informação de como o seu movimento foi executado, e comparado com o movimento planejado, dando origem à próxima etapa, a retroalimentação.

### Retroalimentação

Gentile sugere dois tipos de retroalimentação: Conhecimento do Resultado (CR) e Conhecimento do Desempenho (CD).

Se a meta for o movimento em si (certas destrezas fechadas), a retroalimentação deve ser feita através do CD.

Se a meta for o resultado (pontos, distância), a retroalimentação deve ser feita através do CR.

### Processo de Decisão

Após a execução da resposta e a comparação com o movimento planejado, o executante deve decidir o que fazer numa próxima tentativa.

Gentile sugere (Fig.2) um esquema de avaliação para tomada de decisões

AVALIAÇÃO		FOI O MOVIMENTO EXECUTADO COMO PLANEJADO?	
		SIM	NÃO
FOI A META ALCANÇADA ?	SIM	Obteve a idéia do movimento	Surpresa
	NÃO	Alguma coisa esta errada	Tudo esta errado

Fig. 2 – esquema de avaliação e tomada de decisões, adaptado de A. M. Gentile (1972).

### **Próxima Resposta**

A decisão do que fazer na próxima resposta depende da análise dos fatores de avaliação e do processo de decisão.

Nas destrezas fechadas, se uma resposta estiver de acordo com o planejado, a próxima resposta deverá ser semelhante, se não, a detecção do erro indicará quais as alterações a serem produzidas na resposta seguinte. Nas destrezas abertas, o processo torna-se mais complexo, pois mesmo que ocorra um erro, a ação (resposta) seguinte não será, muito possivelmente, do mesmo tipo. Esta interpolação de ações produz um afastamento temporal entre respostas da mesma categoria.

Este esquema de avaliação (Fig. 2) pode ser também usado como critério para a determinação da passagem do estágio inicial da aprendizagem (obtenção da idéia do movimento) para o próximo estágio (fixação/diversificação), através da consistência de respostas do tipo sim-sim.

## **II – Fixação/Diversificação**

Tendo adquirido um conceito geral do padrão motor, que parece ser efetivo, o aprendiz progride para um estágio em que ele tenta aumentar a consistência de sua resposta ou refinar algumas características de realização da meta.

Durante o estágio I, o executante aprende um modelo motor geral útil na conclusão da meta.

Durante o estágio II, a orientação do aprendiz é para alcançar um nível particular de destreza.

Para destrezas fechadas, em que as condições regulatórias do meio ambiente permanecem constantes, há a **fixação** de um modelo motor muito similar, senão o mesmo do modelo adquirido no estágio I.

Para as destrezas abertas, em que as condições ambientais são bastante variáveis, ocorre a **diversificação** do modelo original.

As características distintas, entre destrezas abertas e fechadas, e as estratégias apropriadas para o seu ensino, representam a grande contribuição do trabalho de Gentile.

### **Aplicação do Modelo de Gentile ao Voleibol**

Ao sugerir o uso de um modelo de aprendizagem, pretendemos minimizar os efeitos do excesso da prescrição (receituário) e criticar a influência dos poderosos exercícios “**educativos**” . Também alertar para o poder que exercem, professores e treinadores, ao sufocar o desenvolvimento da autonomia de seus alunos.

Assim a ênfase será em hipótese, princípios, pressupostos de como o ser humano aprende ações motoras esportivas, dando ao professor e treinador condições de adaptar estes conhecimentos, de forma criativa, autônoma e não perpetuar receitas que podem mantê-los dependentes e limitados.

Quando nos referimos à aplicação do modelo de Gentile ao voleibol, precisamos esclarecer que estaremos tratando de tarefas motoras esportivas, mais especificamente de **destrezas motoras** culturalmente estabelecidas.

## A Meta

Uma das grandes diferenças entre a aprendizagem de destrezas que ocorre pela interação do aprendiz com o meio ambiente e aquela que ocorre sob a orientação de um professor, diz respeito à clareza da meta.

O confronto diário de uma pessoa com o meio ambiente estabelece necessidades de movimentos que precisam, obviamente, produzir resultados particulares para atender a estas exigências. A meta torna-se evidente. Na tentativa de proporcionar informação numa destreza, a meta do movimento, freqüentemente, torna-se obscura. O professor, ao apresentar ao aluno um movimento especificado, reduz a possibilidade de variabilidade da obtenção da idéia do movimento (O. I. M.), privando o aprendiz da exploração e ampliação do conceito da meta, desmotivando-o de maneira indireta, dificultando o alcance, com sucesso, da meta desejada.

Isto acontece, por exemplo, quando o professor estabelece, que o aprendiz (iniciante), ao efetuar o saque de voleibol, deverá atingir determinado ponto da quadra, impedindo a recepção do adversário, garantindo ponto para a sua equipe. Este é o mais alto nível de alcance da meta. Esta exigência, para a maioria dos iniciantes, poderá não ser adequada. Entretanto, se esclarecêssemos que o objetivo do saque é colocar a bola em jogo, pareceria muito mais simples e proporcionaria a exploração da O. I. M. do aprendiz, além de proporcionar-lhe maior possibilidade de sucesso, de satisfação imediata.

Assim, queremos alertar que o professor deve determinar claramente a meta a ser alcançada, evidenciando uma idéia mais ampla do movimento, oportunizando ao aprendiz maior variabilidade de movimento, ou seja, maior vivencia na organização dos meios, para produzir o resultado específico, já que a meta deverá ser mantida, enquanto parte de um

contexto maior, pois mesmo sendo trabalhado parcialmente, o fundamento não deverá ser descontextualizado de seu ambiente real.

Poderemos, sim, simplificar algumas dificuldades que o ambiente de jogo apresenta, como: a altura da rede, tamanho da quadra, número de toques, etc, sem descaracterizá-lo.

Para cada fundamento existem metas específicas, amplas ou restritas e cabe ao professor auxiliar o aluno no estabelecimento da meta mais adequada à sua fase de aprendizagem. Exemplifiquemos algumas:

### **Saque**

- a) colocar a bola em jogo;
- b) colocar a bola em jogo, dificultando a recepção do adversário, fazendo-o cometer erros;
- c) sacar em determinado ponto da quadra, impedindo a recepção do adversário, garantido, assim, ponto para a sua equipe.

### **Manchete (Recepção/Defesa)**

- a) recepcionar o saque, ou realizar a defesa, passando a bola para o lado adversário;
- b) recepcionar o saque ou defender, propiciando mais toques de sua equipe;
- c) recepcionar o saque ou realizar a defesa, de maneira que possibilite a armação do ataque de sua equipe, ou seja, propiciando um bom passe para o levantador.

### **Toque (Levantamento)**

- a) efetuar o passe para o lado adversário;
- b) efetuar o passe para qualquer um dos jogadores de sua equipe;

- c) efetuar o levantamento para um de seus atacantes;
- d) efetuar um bom levantamento, propiciando sucesso na cortada do jogador atacante.

### **Cortada (Ataque)**

- a) realizar a cortada, passando a bola para o lado adversário;
- b) realizar a cortada, de maneira a dificultar a defesa do adversário;
- c) procurar surpreender o adversário, colocando a bola em partes da quadra, onde seja mais difícil ou impossível a defesa;
- d) realizar a cortada, colocando a bola contra o solo da quadra adversária.

### **Bloqueio**

- a) dificultar o ataque adversário;
- b) amortecer o ataque do adversário, facilitando a defesa;
- c) interceptar a bola, sobre a rede, impedindo sua ultrapassagem.

### **Subconjunto de estímulos regulatórios**

Para organizar uma resposta efetiva, o aprendiz deve ser confrontado com as condições de ambiente que controlam seu movimento.

O professor deverá identificar o conjunto de estímulos regulatórios que controlam o movimento e tomar várias decisões para tentar estruturar o ambiente. Decisões como as de considerar ou não os estímulos não-regulatórios. Aqui, o professor poderá decidir simplificar as condições do ambiente, pela redução dos estímulos não-regulatórios, pois a sua total eliminação poderia acarretar desvantagens ao aprendiz ao ser colocado diante de uma situação real.

Ao tratar-se de um ambiente de jogo, caracterizado por destrezas abertas, as decisões para organizar o ambiente serão mais complexas e, para isso, o professor poderá utilizar estratégias como:

- a) selecionar o conjunto de eventos de maior ocorrência. Na fase inicial, o aprendiz utilizaria com mais frequência o saque, a manchete, o toque e a cortada do tipo nível 1;
- b) escolher condições que produzam sucesso mais cedo. O professor poderá delimitar um espaço menor, dentro da quadra, avançar a zona de saque, baixar a altura da rede, utilizar uma bola mais leve, facilitando, assim, o alcance do resultado específico.

Em destrezas abertas, o professor é responsável pela estruturação do ambiente, identificando os estímulos regulatórios. No jogo de voleibol, encontramos três estímulos regulatórios que são comuns a todos os fundamentos:

1. a quadra;
2. altura da rede;
3. a bola.

Como no voleibol as destrezas (fundamentos) são do tipo destrezas abertas, com exceção do saque, identificamos, para cada destreza, um subconjunto de estímulos regulatórios diferenciados, além dos estímulos já referidos e comuns a todos os fundamentos:

### **Saque**

- a) a disposição dos adversários na quadra;
- b) a área de saque;

- c) o padrão de movimento estabelecido;
- d) o resultado a ser alcançado.

**Manchete**

- a) a trajetória da bola;
- b) a posição do levantador;
- c) o padrão de movimento estabelecido;
- d) o resultado a ser alcançado.

**Toque**

- a) a trajetória da bola;
- b) o posicionamento para efetuar o levantamento;
- c) o padrão de movimento estabelecido;
- d) o resultado a ser alcançado.

**Cortada**

- a) o posicionamento adequado;
- b) o posicionamento do levantador;
- c) a trajetória da bola;
- d) a posição dos jogadores adversários;
- e) o posicionamento do bloqueio;
- f) o padrão de movimento estabelecido;
- g) o resultado a ser alcançado.

**Bloqueio**

- a) o posicionamento adequado;
- b) o tipo de levantamento;
- c) o padrão de movimento estabelecido;

d) o resultado a ser alcançado.

### **Atenção Seletiva**

Para aquisição de uma destreza motora, é necessário que o aprendiz identifique e atenda as condições regulatórias, ou seja, desenvolva a atenção seletiva, para então formular um plano motor efetivo.

Cabe ao professor a tarefa de ajudar o aprendiz a identificar e entender os subconjuntos de estímulos regulatórios. Para isso, poderá utilizar estratégias como:

1. instrução verbal;
2. descoberta dirigida;
3. solução de problemas.

Apresentamos, a seguir, o fundamento da cortada, com algumas sugestões de como o professor poderia utilizar as três estratégias:

**Instrução verbal** – neste tipo de estratégia, o professor poderá dar instruções diretamente ao aprendiz, alertando-o sobre sua execução, em certos pontos, como: sua posição em relação a trajetória da bola, dando-lhe dicas sobre as fases do padrão motor estabelecido (corrida, impulsão, vôo, batida na bola e queda), além do posicionamento dos jogadores adversários, do bloqueio, etc.

**Descoberta dirigida** – aqui, cabe ao professor auxiliar, de maneira indireta, o aprendiz, na seleção de estímulos, na descoberta dos estímulos que deve dar maior atenção. Por exemplo, quando o aprendiz executar a cortada, o professor deverá induzir o aprendiz, por meio de questões, perguntas, através das quais ele terá de atender aos estímulos regulatórios, seletivamente, como:

- Você executou corretamente a impulsão com os dois pés?

- Você está se posicionando de maneira correta em relação a trajetória da bola?
- Sua mão está batendo na bola em seu ponto mais alto?
- Você consegue identificar a posição de seus adversários?
- Existe posicionamento de bloqueio? Se existe, então o que você poderá fazer?

**Solução de problemas** – adotando este tipo de estratégia, o professor dará maior liberdade ao aprendiz, pois ele descobrirá, por si só, quais os estímulos a que deverá atender prioritariamente. Aqui, o professor apenas estabelece para o aprendiz o problema (meta): realizar a cortada durante o jogo. A partir daí, o aprendiz terá que, sozinho, descobrir/identificar as condições regulatórias para poder executar seu plano motor.

Caso o professor perceba que o aprendiz enfrenta algumas dificuldades, poderá auxiliá-lo, indiretamente, estabelecendo uma situação-problema menos complexa.

Em se tratando de destrezas abertas, o professor terá, ainda, a responsabilidade de, a medida em que o aprendiz for solicitado a antecipar ou predizer a natureza das mudanças ambientais, proporcionar algumas descrições anteriores ou demonstrações, através de vídeos de jogos, jogos de equipes escolares, etc.

Estudos encontrados na literatura do voleibol, relacionam quatro tipos diferentes de conceitos de atenção que os atletas devem desenvolver para agirem efetivamente:

**Atenção ampla-interna** – o atleta deve ser capaz de integrar e organizar um grande número de percepções e mentalizações. Este é o tipo de atenção usada para analisar e fazer planos para antecipar o futuro e lembrar informações passadas. Aprendizes rápidos tem esta habilidade.

**Atenção ampla-externa** – o atleta deve ser capaz de, rapidamente, captar um grande número de estímulos externos. Este é o tipo de atenção utilizado para ler situações complexas do voleibol, acessar o meio ambiente, e para antecipação.

**Atenção reduzida-externa** – os atletas devem ser capazes de focalizar a atenção em um detalhe, evitando distrações. Esta é uma ação orientada ao foco. Depois do plano realizado, a atenção é reduzida e focalizada, isto é, rebater a bola ou reagir a um adversário.

**Atenção reduzida-interna** – os atletas devem ser capazes de focalizar a atenção, internamente, isto é, numa linha de pensamento. Também é uma atenção orientada à ação. É o tipo de atenção requerida para centrar-se em si mesmo, para repetir uma destreza específica, ou realizar prática mental.

A habilidade de mudar, rapidamente, de um tipo de ação para outra, deve ser aprendida por todos os jogadores de voleibol, porque nenhum jogador poderá focalizar mais de um tipo de atenção ao mesmo tempo. Esta habilidade de mudança de atenção é muito importante em atividades rápidas como o voleibol.

### **Execução da Resposta**

Aqui, o aprendiz está pronto para iniciar o movimento, pois já focalizou o resultado a ser produzido e o plano de movimento foi formulado. As unidades, dentro do padrão motor, são ativadas e o esquema organizacional está claro.

O foco do aprendiz deverá estar na retroalimentação intrínseca, relacionada com o alcance da meta, que é necessária para manter a variabilidade de estímulos cinestésicos para a utilização no processo de tomada de decisão, onde precisa ocorrer a codificação da entrada da informação.

Nesta fase, o aprendiz colocará em prática o seu plano moto, já formulado.

### **Retroalimentação**

A retroalimentação, para Gentile (1972), é toda a informação que se refere ao movimento ou grau de alcance da meta fornecida, acrescentada à retroalimentação

intrínseca realizada pelo aprendiz. Poderá ocorrer na forma de conhecimento do resultado (CR) ou Conhecimento do Desempenho (CD).

Uma das formas de classificação da retroalimentação, a que Gentile denominou de intrínseca, “...é a informação fornecida como uma consequência natural da ação.”

A denominação retroalimentação extrínseca, também chamada de aumentada, inclui o que Gentile chama de Conhecimento do Resultado e Conhecimento do Desempenho.

A retroalimentação extrínseca ou aumentada, constitui-se da informação resultante da observação do desempenho. Esta é a informação sobre a qual o professor e o técnico têm controle.

A retroalimentação extrínseca, pode ser dada através de:

- a) **Conhecimento do Resultado (CR)**- que é a informação, geralmente verbal, sobre o sucesso de uma ação, em relação à meta ambiental;
- b) **Conhecimento do Desempenho (CD)**- que é a informação sobre o padrão de movimento que o aprendiz acabou de executar. Esta informação não informa, necessariamente, sobre o sucesso do movimento em atingir a meta ambiental, mas informa sobre o sucesso do padrão que o aluno realmente produziu.

### **Decisão**

Neste construto, aplica-se o esquema de avaliação para a tomada de decisões, proposto por Gentile (Fig 2) que se constitui de duas questões: a) foi o movimento executado, conforme o planejado? E, b) foi a meta alcançada?

O tipo de resposta a estas questões, considerando as combinações sim-não e as possíveis constatações (obteve a idéia do movimento; alguma coisa está errada, surpresa ou tudo está errado) irá influenciar a próxima etapa do processamento.

**Próxima Resposta**

A realização da próxima resposta será influenciada pelo processo de decisão e pelo tipo de destreza – aberta ou fechada.

**3.5.TRANSIÇÃO PARA O VOLEIBOL REGULAR**

Crianças que praticam freqüentemente mais de 10 horas por semana sob a orientação de técnicas experientes, podem aprender os 03 primeiros passos (2 X 2, 3 X 3, 4 X 4) em menos de três anos. Neste caso, o quarto passo (6 X 6) pode ser feito em idade de 12 anos ou mais jovem. Entretanto, crianças em times de escola com duas aulas semanais de vôlei ou menos irão levar mais tempo para passar os três primeiros passos e podem entrar no 4º passo em idade acima de 12 anos.

**3.6.COMPETIÇÃO PARA CRIANÇAS**

Como as crianças dominam as habilidades básicas, tão logo elas sejam capazes de dominar a bola elas podem dar início a participação de jogos amistosos, de competições, assim, o mini-vôlei oferece a oportunidade inicial do jogo 2 X 2. Estes jogos são importantes para estimular o interesse e entusiasmo destas crianças pelo modo de funcionamento das categorias competitivas. Se as crianças são física e tecnicamente bem preparadas, não existe perigo em jogar freqüentemente em competições locais e nacionais.

Também podem participar em torneios com vários jogos ao dia, com intervalos de tempo de no mínimo uma hora. Normalmente os jogos de mini-vôlei são jogados com uma melhor de 3 sets, mas em torneios com muitos times o sistema de tempo também é possível. Três quadras de mini-vôlei podem ser colocadas em uma quadra normal. Técnicos, professores e árbitros devem fazer um jogo correto e justo, além de manter as normas morais em bom nível.

### **3.7.O JOGO E A CRIANÇA**

Os jogos têm exercido ao longo da história, importante papel no desenvolvimento das crianças.É através da brincadeira que a criança aprende a conhecer a si própria e os outros que a cercam, percebem as relações interpessoais e os papéis que as pessoas assumem.Com o jogo a criança percebe a natureza, os eventos sociais, a dinâmica interna e a estrutura de seu grupo.Entendem o funcionamento dos objetos e exploram suas características físicas.A criança repete no jogo as expressões que vivencia no cotidiano.Jogo é uma atividade e a criança precisa atuar sobre tudo que a rodeia para desenvolver seu conhecimento.

#### **4.METODOLOGIA:**

Para chegar a essas conclusões foram utilizados estudos com maior profundidade, uma revisão bibliográfica envolvendo temas referentes a prática do voleibol, do mini-voleibol, os aspectos motores do voleibol e as técnicas de aprendizagem.

## 5.CONCLUSÃO

A partir deste trabalho é possível perceber a importância do mini-volei como fonte facilitadora no processo pedagógico no aprendizado do voleibol. Esta importância está voltada para que os profissionais de educação física verifiquem a intensidade da prática do mini-vôleibol e percebam que a proposta de um trabalho com mini-vôleibol está muito além do simples ato do jogo ou de uma brincadeira.

A educação se inicia com o nascimento do indivíduo, prolongando-se durante toda a sua existência, estimulando o desenvolvimento de suas capacidades físicas, mentais e sociais, através de mudanças mais ou menos intensas, de conformidade com as diferentes fases de seu desenvolvimento bio-psico-fisiológico.

Sabe-se que a vida e movimento, que o gesto humano é uma das primeiras manifestações de expressão e, por conseguinte, de comunicação entre o ser e o meio em que vive. A realização de atividades motoras pelo aluno, além de exercer papel preponderante no seu desenvolvimento do seu sistema somático e funcional, estimula e desenvolve as suas funções psíquicas. Daí a razão de ser da educação do corpo com fator de equilíbrio orgânico.

As alterações de conduta e conseqüentemente do comportamento social do ser humano, se relacionam indiscutivelmente às oportunidades que lhe são dadas e se conjugam para fazer dele o homem integral, adaptado as suas limitações, ao meio em que vive e as exigências de atitudes sociais ao mundo que o rodeiam, sem tolher sua criatividade e o respeito pela sua individualidade.

Os esquemas de educação tradicional se completam diante dos meios de informação, para um aproveitamento do potencial das crianças e dos jovens atendidos em

seus direitos básicos, em suas necessidades naturais, conduzindo-as um aprendizado disciplinado, sem perda do seu individualismo e respeito por sua liberdade.

Devemos cuidar para que em todos os setores a aprendizagem seja adequada a situação e idade específica, resultando interferências positivas nas habilidades educativas em geral. Toda criança tem necessidade de jogar ou melhor praticar algum tipo de esporte que de início não seja enfadonho ou desinteressante. O vôlei normal é um esporte difícil, pois requer muita habilidade do praticante nos seus fundamentos básicos.

Se formos ministrar tais fundamentos à criança, esta certamente não despertará seu interesse pelo desporto. Portanto, se faz necessário adaptarmos os movimentos complexos em movimentos completos porém simples, interessantes e de fácil aprendizado, tornando desta forma a tarefa que pode ser enfadonha e repetitiva, em movimentos fáceis e interessantes que vão despertar na criança motivação e vontade de prosseguir praticando o voleibol, partindo de uma adaptação denominada o mini-voleibol.

## 6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BAACKE, H. Playing mini-volley ball. Edinburg, 1978.

BEE, HELEN. A criança em desenvolvimento; Harper e Row do Brasil Ltda. S.P. 1977.

CARRERO, Luiz. Mini Voleibol – Uma Solucion para el Futuro. Revista Estadium – Argentina. Fevereiro, 1976. Nº 55 e 56.

CORDEIRO, C.F. Mini-Voleibol – um método de Iniciação. Revista Voley Técnico n 02, p.27, 1996.

ERIKSON, Erik Homburger. Infância e Sociedade. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1971.

FARIA JUNIOR, Alfredo Gomes de e Outros. Prática de ensino em Educação Física – Estágio Supervisionado. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1982.

GUILHERME, Adolfo. Voleibol a Beira da Quadra. São Paulo: Ed.do Brasil, 1979.

GUISELINI, R.A. Aprendizagem Motora : Conceitos e Aplicações., 3 ed. Edgar Blucher. S.P.,p.27 , 28,29,30 – 1987.

HAVIGHURST, Robert. Developmental Tasks And Education. New York: Ed. Long Mans, Green, 1992.

HURTADO, Johann G. G. O ensino da Educação Física – Uma Abordagem Didática. Curitiba: Educa/Editex, 1983.

MAGGIL, R.A. Aprendizagem Motora : Conceitos e Aplicações. 3 ed. Edgar Blucher.S.P., p.182, 1984.

SOUZA, Eustáquia S. de, e Outros. SEEC/MG – Educação Física de Base. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1984.

WEINECK, J. Biologia do Esporte, S.P. São Paulo, Editora Manoele LTDA .p 245-318 - 1991.